



Educação Física além da esportivização

Autor(es): Freitas, Débora Duarte; Lúcio, Lucélia Medeiros

Apresentador: Débora Duarte Freitas

Orientador: Luiz Carlos Rigo

Revisor 1: Luiz Fernando Camargo Veronez

Revisor 2: Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Resumo:

Pode-se considerar a aula de Educação Física como um espaço privilegiado, em relação às demais disciplinas, visto que, através dela, os alunos podem interagir livremente expressando com facilidade seus sentimentos. Este espaço é responsável pela socialização e cooperação entre os sujeitos, possibilitando a troca de experiências. E é neste universo, que as diferenças entre meninos e meninas no que se refere à conduta, às preferências e aos níveis de habilidades motoras se acentuam. Os problemas relacionados à questão do gênero são considerados bastantes comuns nas Escolas. De acordo com o conceito de Scott (1995, p.89) apud Sousa e Altmann, (1999) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. A Escola no seu cotidiano produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino. A presença do preconceito de gênero no ambiente escolar afeta meninos e meninas, e tem base no sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade (Pereira e Mourão, 2005). Culturalmente, o espaço social que abriga uma criança, dita normas de comportamento referentes ao masculino e ao feminino e, normalmente, em função destas diferenças sócio-culturais, ao ingressar na Escola, geralmente, os meninos tiveram uma experiência corporal bem mais ampla, principalmente com relação ao manuseio de bolas e as atividades que demandam força e agilidade. Durante a aquisição do masculino e feminino, os hábitos corporais de um e de outro acabam interferindo na motricidade e corporeidade dos sujeitos, o que faz com que um sexo se torne mais apto do que outro com relação a determinadas ações motoras, ou seja, formulam-se corpos diferentes com motricidade e aptidão distintas. Isto não quer dizer que um sexo seja naturalmente mais hábil do que o outro, mas sim que as situações motoras a que foram expostos no decurso da vida contribuíram para um melhor ou pior repertório motor.